

BORDANDO MEMÓRIAS MIUDINHAS: A EDUCAÇÃO NO COTIDIANO DO TERREIRO E O TERREIRO NO COTIDIANO DA VIDA¹

KARINA CONSTANTINO BRISOLLA¹; DENISE MARCOS BUSSOLETTI².

¹Universidade Federal de Pelotas – kcbrisolla@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – denisebussoletti@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O que venho aqui apresentar, trata-se da continuidade da pesquisa que empreendi no Mestrado em Artes Visuais² e agora vem sendo aprofundada no Doutorado em Educação junto ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas. A tese parte da ideia de que as crianças de Terreiro podem nos ensinar formas para desatar e desfazer os efeitos dos racismos e da colonização cognitiva/estrutural/educacional em que vivemos emaranhados. Demarco que criança, aqui, é estado a ser acessado, é prática a ser incorporada no modo de olhar para o mundo, de saber, de fazer, de ser.

Para tanto, é necessário conceber o Terreiro para além do culto e aceitar que Terreiro é Tradição, portanto, fundação de mundo. Parto da premissa de que Terreiro é lugar onde se aprende com os mais velhos e os mais novos, com os sons e os silêncios, com a natureza e seus ciclos. Lugar que constrói sentidos a partir das confluências (DOS SANTOS, 2023), não das segmentações. Dito isso, reconhece-se o fato de que o Terreiro nos oferece pedagogias que não separam corpo, território, memória e espiritualidade; ver SIMAS; RUFINO (2018), MACHADO (2019), FERREIRA (2021), DA ROSA (2019).

Me alinho ao pensamento do professor e Taata dya Nkisi³, Tássio Ferreira, que elege o Terreiro enquanto um “espaço escolar não oficializado pela branquitude que inspira a pensar uma estrutura de ensino circular, ancestral e comprometida com a vida” (2021, p. 51-52). Por isso, utilizo Terreiro com T maiúsculo, porque compreendo-o também como instituição tal qual a Escola, num sentido de espaços em que saberes tradicionais e ancestrais circulam e são transmitidos.

Me coloco na pesquisa enquanto uma bordadeira de memórias tecendo pontos-cruz, ou seja, escrevo cruzando memórias. Estas, nascentes de duas dimensões: 1) a educação no cotidiano do Terreiro e 2) o Terreiro no cotidiano da vida. Proponho uma construção narrativa onde a arte e a educação vão se mostrando dispositivos de reinvenção da vida que espanta o banzo, a morte simbólica produzida pelos efeitos do colonialismo e da colonialidade. Com isso, deseja-se fornecer novos entendimentos no campo da arte-educação ancorados nos saberes ancestrais e sua força coletiva. Riscado esses pontos elementais, delimito que aqui será apresentado um esboço dos gestos teórico-metodológicos que sustentam o caminhar dessa iyáwó⁴-pesquisadora que aqui escreve.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² Despertando Orixalidades: ética, poética e política na criação artística de crianças do Ilê Axé Mãe Nice D'Xangô, Jaguarão/RS (BRISOLLA, 2023), defendida no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas.

³ Filho de santo.

⁴ Como se denomina o cargo de Pai de Santo no Candomblé de origem Bantu (Congo-Angola).

2. METODOLOGIA

Para ir em frente nesse assunto é preciso olhar para trás. Sabendo que a produção do esquecimento é ferramenta de dominação utilizada para escravizar, desumanizar, dominar não só o corpo, mas também a mente, é que rememorar se mostra tão potente. Assim, para desviar do esquecimento, da morte em vida, vou pela via da memória refazendo passos dados muito antes, um movimento que gosto de chamar de performance da Sankofa.

O conceito de Sankofa (Sanko = voltar; fa = buscar, trazer) origina-se de um provérbio tradicional entre os povos de língua Akan da África Ocidental, em Gana, Togo e Costa do Marfim. Em Akan “se wo were fi na wosan kofa a yenki” que pode ser traduzido por “não é tabu voltar atrás e buscar o que esqueceu”. (SANKOFA, S/d; ver Histórico do Periódico⁵)

Memória enquanto método de pesquisa foi algo que aprendi vivendo o/no Terreiro. Escrever a partir de memórias é, para além de metodologia, identidade de escrita. Perceber esse gesto e incorporá-lo a uma ação consciente virou tática nessa guerrilha epistêmica acadêmica. Para esse propósito, foi necessário reconhecer que há uma guerra no discurso e que empunhar as palavras como verdadeiras armas que são, é uma urgência ética e política.

Assim como a capoeira, a palavra também é luta e arte. Dito isso, incorporar a memória como método se configura numa ação ética, política e, também, poética. Por isso é que quando escrevo encruzilhando vivências miúdas aos saberes adquiridos me considero bordadeira. Porque, com as linhas das miudezas do vivido e dos conhecimentos encarnados, bordo a trama do texto com um intencional cuidado poético. O professor Luiz Antônio Simas, em *O corpo encantado das ruas*, fala sobre versar “micro-histórias”, por isso também me identifico enquanto uma escritora de irrelevâncias (2019, p. 66).

O gosto por escrever fragmentos do cotidiano que prefiro chamar de miudezas do vivido, foi incorporado ao método da pesquisa quando presenciei o encontro do filósofo Walter Benjamin com o Caboclo Pedra Preta nos escritos do professor Simas:

O filósofo Walter Benjamin falava em escovar a história a contrapelo. A importância de atentar para os fazeres cotidianos como caminho para escutar e compreender as outras vozes, além da perspectiva do fragmento como miniatura capaz de desvelar o mundo, é a chave da desamarração do ponto. Benjamin pensava também sobre a importância de o historiador ter pelo objeto de reflexão o interesse do olhar da criança pelo residual: é a miudeza que vela e desvela a aldeia, as suas ruas e as nossas gentes. O caboclo Pedra Preta, guia de Pai Joãozinho da Goméia, dizia algo muito parecido em seus pontos⁶. (2019, p. 10.)

Notando tantos cruzos escrevidos (EVARISTO, 2006), tomei a encruzilhada como conceito primordial que *orienta*⁷ o caminhar e sustenta o chão dessa pesquisa. Portanto, para seguir caminho, faço a devida reverência ao seu Senhor. Peço agô – licença – e motumbá – benção – a Exu, o Senhor da comunicação, da linguagem, o mensageiro entre mundos, o dono das encruzilhadas. Àrólé! Saúde também a mais velha, que primeiro me mostrou a encruzilhada como um conceito, Leda Maria Martins, em *Performances do tempo espiralar* (ver 2002, p.73).

⁵ Fonte: <https://revistas.usp.br/sankofa/about>

⁶ O ponto citado é: Pedrinha miudinha / Pedrinha de Aruanda ê / Lajedo tão grande / Tão grande de Aruanda ê / [...] / Uma é maior, outra é menor / A mais pequena que nos alumeia.

⁷ Cabeça em yorubá. O culto a Orí é central em tradições de matriz africana.

A cultura negra é o lugar das encruzilhadas. O tecido cultural brasileiro, por exemplo, deriva-se dos cruzamentos de diferentes culturas e sistemas simbólicos, africanos, europeus, indígenas e, mais recentemente, orientais. Desses processos de cruzamento transnacionais, multiétnicos e multilinguísticos, variadas formações vernaculares emergem, algumas vestindo novas faces, outras mimetizando, com sutis diferenças, antigos estilos. Na tentativa de melhor aprender a variedade dinâmica desses processos de trânsito sógnico, interações e intersecções, utilizo-me do termo encruzilhada como uma chave teórica que nos permite clivar as formas híbridas que daí emergem. (2002, p.73)

Adoto então a cultura brasileira enquanto uma filha parida pela encruzilhada dos emaranhados transnacionais, multiétnicos e multilinguísticos como bem assinalado por Leda Maria Martins. Esse processo é marcado pela violência de uma alienação imposta pela cultura branca às demais. Esse discurso racista foi capilarizado por toda a sociedade e é mantido pelos pactos da branquitude demonstrado na obra de Cida Bento (2022).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sabendo que diariamente existem identidades sendo mutiladas pelas reverberações desse processo histórico assinalado pelas autoras, durante o mestrado passei a me atentar especialmente para a identidade de crianças de Terreiro e a pensar estratégias para que elas pudessem ir sendo construídas e adubadas ao longo da infância sem perderem a potência que lhes é própria.

No caminhar da pesquisa percebo, anos depois, a criança sendo uma identidade ou prática que é incorporada independentemente da idade e percebo isso revisitando meus próprios escritos⁸. Como se o fato já estivesse escancarado desde o início, se mostrando para mim, mas que só com a maturidade e a intimidade que vem junto dos anos de trabalho dedicado a esse estudo, é que enxergo com nitidez. Esse entendimento, depois de ser elaborado passa a direcionar e transforma a pesquisa que hoje empreendo no doutorado.

Evidentemente, não chego nesse entendimento (e em nenhum outro) sozinha, nessa caminhada há muitos pensamentos aqui referenciados dos que vieram antes de mim e que abriram caminho nessa mata fechada do conhecimento acadêmico. Portanto, os gestos teórico-metodológicos os quais brevemente venho esboçar nesse trabalho, partem impreterivelmente de um saber-pensar-fazer “nosso”. Aquele “jeito nosso” que tanto ouço minha Iyalorixá⁹ e outros mais velhos falarem.

4. CONCLUSÕES

Essa pesquisa em todos os seus desdobramentos tem sido empreendida de maneira coletiva. É uma construção que nasce dentro do Ilê Axé Mãe Nice D’Xangô, a partir de trocas e ensinamentos que fazem parte do cotidiano desse espaço. É também fruto de vivências fora dele, fruto da vida sendo vivida, das trocas com pessoas que mesmo sem saberem ou desejarem, acabaram contribuindo.

Da mesma forma, é coletiva à medida que, nenhum pensamento aqui expresso é algo pensado apenas por mim, tendo sido fruto de muitas trocas e estudos propostos por referências do campo, que, cruzadas as vivências, se

⁸ Diferente delas, não fui uma criança de Terreiro, contudo, a partir do momento em que passo a frequentar aquele território, volto a ser criança. Uma criança mais nova que Isabella e Rafaela, diga-se de passagem, pois no Axé, sou ainda recém nascida, e elas, minhas mais velhas (BRISOLLA, 2023, p. 93).

⁹ Mãe de Santo.

espiralaram em pensamentos, ações e palavras. Sem esquecer que também é fruto do Ebó nas Encruza e do GIPNALS, espaços que alimentam e curam sensibilidade-política, afeto-ético e escuta-poética (ver PINCERATI; BRISOLLA, 2025).

Olhando para esse esboço dos gestos teórico-metodológicos, fica notável o quanto o aprendizado está ligado à vivência. Por isso defendo aquele ditado popular “vivendo e aprendendo” enquanto expressão de uma sabedoria e método ancestral. Porque é a partir das experiências vividas que a vida oferta as mais diversas formas de absorção de conhecimento. Desses conhecimentos cotidianos repassados pelos mais velhos, os mais novos vão construindo um arsenal de saberes essenciais para a manutenção dessa cultura baseada na oralidade. Saber ouvir, portanto, é primordial na formação dos indivíduos, sendo estes pertencentes ao Terreiro ou não, pois, como já elaborado no início, aqui Terreiro é fundação de mundo onde a ancestralidade e a coletividade são princípios vitais e modos de organização social.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- Dos SANTOS, Antônio Bispo; PEREIRA, Santídio. **A terra dá, a terra quer**. Ubu editora, 112p. 2023.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza, 2006.
- FERREIRA, Tássio. **Pedagogia da circularidade**: ensinagens de Terreiro (Coleção Pensamento Negro Contemporâneo). Rio de Janeiro: Telha, 2021.
- MACHADO, Vanda. **Irê Ayó**: uma epistemologia afro-brasileira. Salvador: EDUFBA, 2019.
- ROSA, Allan da. **Pedagoginga**: autonomia e mocambagem. Pólen Produção Editorial LTDA, 240 p, 5 de nov. de 2019.
- RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.
- SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
- SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato**: a ciência encantada das macumbas. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

Capítulo de livro

- MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar. In: Graciela Ravetti; Márcia Arbex. (Org.). **Performance, exílio, fronteiras, errâncias territoriais e textuais**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2002, v. 1.

Artigo

- PINCERATI, Walker Douglas, BRISOLLA, Karina Constantino. O sensível, o afeto e a escuta no ebó nas encruza: relato de uma experiência entre Universidade, Terreiro e Escola. **Revista África e Africanidades** 53, p. 216-231, maio 2025. Disponível em: https://africaeaficanidades.com.br/documentos/Dossie_RAA_ed.53_maio_2025.pdf#page=216.

Tese/Dissertação/Monografia

- BRISOLLA, Karina. Constantino. **Despertando orixalidades**: ética poética e política na criação artística de crianças do Ilê Axé Mãe Nice D'Xangô, Jaguarão/RS. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.